

Artigo de opinião de S.E. o Ministro dos Negócios Estrangeiros da República da Turquia, Mevlüt Çavuşoğlu, publicado no "New York Times" a 11 de outubro de 2019

[Tradução informal para português do artigo original em inglês]

É desencorajador que a operação militar da Turquia no nordeste da Síria esteja sendo deturpada pelos media americanos como um ataque contra os curdos, enfraquecendo a luta contra o que resta do DAESH (ou o chamado Estado Islâmico) e prejudicando a credibilidade dos EUA junto dos seus aliados. Porque a aliança de sessenta e sete anos que a Turquia tem com os EUA na NATO não é temporária, nem tática, nem negociável, sou obrigado a esclarecer os factos.

A Turquia iniciou a operação para garantir a sua segurança nacional, removendo de todas as regiões fronteiriças o perigo que os terroristas representam. Esta operação libertará os sírios que lá vivem sob a tirania de organizações terroristas e eliminará a ameaça à integridade territorial e à unidade política da Síria. Estes dois desenvolvimentos facilitarão o regresso seguro e voluntário dos sírios deslocados.

A Turquia nunca concordou com um corredor na sua fronteira administrado por um grupo terrorista. Reiteradamente, inclusivé na Assembléia Geral das Nações Unidas, temos proposto a criação de uma zona segura. Apelámos aos EUA para pararem de fornecer apoio material aos terroristas.

No entanto, o sistema burocrático de segurança americano não conseguiu desvincular-se do grupo, conhecido como PYD/YPG. Isto apesar de as autoridades americanas, inclusivé um Secretário de Defesa, admitirem que o PYD/YPG, núcleo das Forças Democráticas da Síria, é, na Turquia, inseparável do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), reconhecido como organização terrorista pelos EUA, União Europeia e NATO.

Os nossos interlocutores americanos pareciam concordar que tais forças tinham que ser removidas das nossas fronteiras e até tínhamos acordado num prazo. Mais recentemente, negociações militares realizadas em agosto terminaram com o compromisso mútuo da criação de uma zona segura a partir da qual o PYD/YPG deveria ser removido. No entanto, não vimos da parte dos EUA uma reacção imediata dando-nos a forte impressão de que estavam tentando ganhar tempo à medida que o grupo terrorista se entrincheirava ainda mais na Síria.

O PYD/YPG pode apresentar-se ao mundo como o grupo que lutou contra o DAESH, mas também contrabandeia explosivos para o PKK cavando túneis em território turco. Descobrimos que os seus membros levavam prisioneiros do DAESH para a Turquia. Em novembro de 2017, a BBC reportou a existência de um acordo secreto no âmbito do qual as Forças Democráticas da Síria providenciavam o transporte e permitiam a fuga de centenas de terroristas do DAESH durante a operação da coligação para libertar a cidade de Raqqa.

Tivémos que agir. Diversas vozes expressaram preocupação com a segurança da população curda na Síria. Repito e enfatizo que a luta da Turquia não é contra os curdos. A nossa luta é contra os terroristas. Qualquer descrição da situação como "turcos contra curdos" é maliciosa e falsa. Os curdos não são nossos inimigos.

O nosso alvo é o complexo terrorista administrado em conjunto pelo Partido dos Trabalhadores do Curdistão e pelo PYD/YPG, que recrutou crianças-soldado, intimidou dissidentes, alterou a demografia e impôs recrutamento obrigatório nas áreas sob o seu controle.

Curdos, árabes, cristãos e outros que têm sofrido sob o o jugo do PYD/YPG ficarão melhor quando libertados. O Conselho Mundial de Cristãos Arameus tem insistentemente defendido este ponto. Antes de prosseguir com esta operação, tomámos todas as medidas necessárias para minimizar o risco para civis e impedir uma crise humanitária. Nos últimos anos, a Turquia recebeu um grande número de refugiados do nordeste da Síria, incluindo árabes, curdos e turcomanos.

A maioria deles, incluindo mais de 300.000 curdos, foram expulsos de suas casas pelos terroristas. Providenciámos-lhes segurança, abrigo e meios de subsistência na Turquia. Compartilhámos o nosso pão e os benefícios dos nossos serviços públicos. A Turquia é o maior gastador do mundo em termos de ajuda humanitária e abriga o maior número de refugiados a nível mundial.

A Turquia estabeleceu um padrão confiável nos últimos três anos. As operações da Turquia no noroeste da Síria - em 2016 e 2017 em Jarabulus e arredores e em 2018 em Afrin - limpam uma vasta área da presença de terroristas. Após essas operações, as comunidades, que sofriam sob o jugo dos terroristas, começaram a viver em paz e a beneficiar de boa governação. Cerca de 365.000 refugiados regressaram às suas casas no noroeste da Síria.

Instituímos serviços públicos, incluindo escolas para mais de 230.000 estudantes. Seis hospitais com 55 ambulâncias empregam mais de 2.000 funcionários sírios e turcos em áreas libertadas no noroeste da Síria. Foram construídas dezenas de instalações recreativas e desportivas, incluindo um estádio de futebol. As empresas foram reabilitadas e um posto fronteiriço foi aberto para facilitar o comércio. A agricultura e a pecuária começaram a receber apoio material.

Comparemos as anteriores operações da Turquia com a destruição de Raqqa pela coligação e veremos o quão cuidadosamente conduzimos operações de contraterrorismo. As lições aprendidas nessas operações ajudar-nos-ão a fazer melhor desta vez.

O PKK e o PYD/YPG têm chantageado a comunidade internacional alegando que, sem eles, a luta contra o DAESH enfraqueceria. Mas a luta contra esses terroristas brutais não vacilará, especialmente se os nossos aliados perseverarem nesta via e cooperarem com a Turquia. Somos a única nação que colocou militares no terreno contra o DAESH. A luta contra o DAESH e outras organizações terroristas terá que continuar com as contribuições e a cooperação de todos. Vários países europeus mostraram-se relutantes em permitir o regresso de cidadãos seus que ingressaram no grupo. No entanto, desejar que o problema desapareça não pode ser a política. Devem assumir a sua parte do fardo.

Na Turquia, estamos convencidos de que estamos a criar condições para que os refugiados sírios regressem às suas casas, garantindo que o DAESH e outros grupos terroristas não reapareçam.

Estou ciente de que o regresso seguro e voluntário dos refugiados sírios a casa deve ser cuidadosamente planeado e gerido. Deve ser feito de acordo com a lei internacional e em cooperação com as relevantes agências das Nações Unidas. A Síria é lar de várias etnias, e até que seja encontrada uma solução política para o conflito sírio é necessário estabelecer conselhos locais viáveis e representativos.

Após a nossa última operação de contraterrorismo, em áreas onde os curdos estavam em maioria, a Turquia facilitou a criação de conselhos administrativos locais com uma maioria curda, representativa da população.

Os sírios querem ir já para casa. Já sofreram demasiado. Estamos a tomar a iniciativa e a contribuir para a criação de condições pacíficas necessárias para o regresso de milhões de refugiados a casa. Contrariamente aos equívocos predominantes, a nossa operação ajudará a abordar a dimensão humanitária do problema contribuindo para a preservação da unidade do país e para o processo político.